Universidades Lusíada

Pessoa, Fernando Santos

Urbanismo rural integrado

http://hdl.handle.net/11067/454

Metadados

Data de Publicação 2011

Resumo O aumento imparável da taxa de urbanização vai colocar problemas sérios ao crescimento das cidades, tornando necessário repensar um urbanismo capaz de responder aos desafios que se colocam à vida do homem urbano. É sabida a responsabilidade da falta de condições de qualidade de vida urbana na geração de doenças que contribuem para uma deficiente saúde pública. Algumas destas deficiências encontrarão resposta na forma correcta com que for repensada a estrutura verde urbana, que deve assumir...

Palavras Chave Relação cidade-campo, Planeamento urbano, Qualidade de vida

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] RAL, n. 3 (2.º semestre 2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T09:00:32Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

PESSOA, Fernando Santos (2011). “Urbanismo rural integrado”. *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 3 (2.º semestre 2011): p. 87-92. ISSN 1647-9009.

URBANISMO RURAL INTEGRADO

Fernando Santos Pessoa[1]

Resumo

O aumento imparável da taxa de urbanização vai colocar problemas sérios ao crescimento das cidades, tornando necessário repensar um urbanismo capaz de responder aos desafios que se colocam à vida do homem urbano.

É sabida a responsabilidade da falta de condições de qualidade de vida urbana na geração de doenças que contribuem para uma deficiente saúde pública.

Algumas destas deficiências encontrarão resposta na forma correcta com que for repensada a estrutura verde urbana, que deve assumir a posição de um sector prioritário no seio da política de gestão das cidades.

Prevendo-se a que a taxa de urbanização venha a exigir muito maior área de território, afigura-se que um urbanismo que venha a integrar o mundo rural envolvente, através da criação de núcleos urbanos para além das periferias, servidos por boas infraestruturas de comunicação, deixando por ocupar os terrenos de produção agrícola, será a melhor forma de enfrentar o aumento crescente da urbanização dos territórios.

A cidade cada vez menos suporta os encargos de amplos espaços de jardins de lazer, que exigem encargos elevados em recursos humanos e gasto de água, pelo que os espaços de produção podem servir também para o recreio. Além disso o tecido urbano precisa nas nossas latitudes, sobretudo de zonas de arvoredo e de ensombramento que sejam pouco exigentes em mão de obra e água.

As grandes áreas urbanas do futuro devem retomar o modelo da *polis* grega, a cidade autosuficiente.

Palavras-chave

Urbanismo, saúde publica, qualidade de vida, água, rural,

Abstract

The increasing of urbanization will place serious problems to the growing of the towns, making necessary to think better a kind of urbanism that can answer to the challenge of the urban citizen.

It is well known the responsibility of the lack of urban quality of life into a deficient public health.

Some of the deficiencies will get solution with a correct way on the planing of the urban green structure, which must be considered as a priority on the town management policy.

On attending that the rate of urbanization will require a greater surface of the territories, it seems that an urbanism who includes the surrounding rural areas, through urban nucleus farther away the actual peripheries, provided with good infrastructures of communication, leaving the surrounding agricultural areas to the production, will be the best way to face the increasing of the urbanization rate of the territories.

The town less and less can support the cost of the large recreation green areas, that are more and mores exigents on labor force and water for irrigation, and so the areas of agricultural

[1] Engenheiro silvicultor. Arquitecto paisagista. Prof. Convidado do Instituto Novas Profissões, U. Católica Lisboa, U. Nova Lisboa, U. Lusíada Porto, U. Évora e U. Algarve.
Fundador e 1º Presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Monte Gaia, Azinhal e Amendoeira, 8005-414 Faro.
E-mail: montegaia@iol.pt

production can be also used for recreation. Besides the urban net, in ours latitudes, needs mainly groves of trees and shadow , that will be less exigents on water.

The future urban areas must return to the model of the Greek *polis*, the auto sufficient town.

KEY-WORDS

Urbanism, public health, quality of life, water, rural.

O aumento da taxa de urbanização em todo o mundo é um fenómeno que não tem sido muito mediático, apesar da importância crucial que tem para o futuro da Humanidade, pelo que devia preocupar toda a gente desde os decisores políticos, aos técnicos e à população.

Estima-se que em 2008 cerca de metade da população mundial já vivia em cidades, e prevê-se que em 2050 essa percentagem suba para cerca de 85%.

O crescimento das cidades em muitos países, nomeadamente o nosso, não tem sido orientado de forma a minimizar as consequências da artificialização do meio urbano, tendo em vista a qualidade de vida das populações.

As cidades vão crescendo como manchas de óleo que alastram por todo o território, envolvendo e ocupando indiferentemente todo o tipo de solos e de acidentes naturais que durante séculos foram preservados, incluindo vales insalubres e solos agrícolas (Lisboa tem exemplos desses como a ocupação do vale de Alcântara e a destruição dos melhores solos do país na campina de Loures).

Por outro lado em regra não é atribuída à estrutura verde urbana a mesma importância que é concedida às demais funções do espaço; o betão e o asfalto aumentam de forma prodigiosa sempre que se expande o tecido urbano para novas áreas.

Normalmente esquece-se que o homem, como ser vivo, e para lá de todas as tecnologias mais incríveis que vai possuindo, continua tão dependente da Natureza, das suas forças e dos seus ciclos para a sua completa saúde física e mental como quando não dispunha de toda esta parafrenália tecnológica.

Nas grandes metrópoles a perda de contacto dos habitantes com os elementos e forças naturais vai tendo consequências directas na sua qualidade de vida. Com efeito saúde, individual e publica, e qualidade de vida estão intimamente relacionadas; saúde não é apenas a ausência de doença, é o estado completo de bem estar físico e psicológico. Qualidade de vida é também um conceito amplo, que abarca aspectos individuais e subjectivos – a minha ambição de qualidade de vida não é forçosamente a de outras pessoas, em muitos aspectos – e aspectos gerais, colectivos, que têm a ver com o ambiente, de cujos efeitos muitas pessoas nem se apercebem como estão deles dependentes.

Numerosos estudos médicos apontam para a importância das relações da urbanização com a saúde. Recentemente numa conferência médica na cidade equatoriana de Guayaquil, foi denunciado que na América Latina a falta de actividade física provoca 3,2 milhões de mortes por ano.

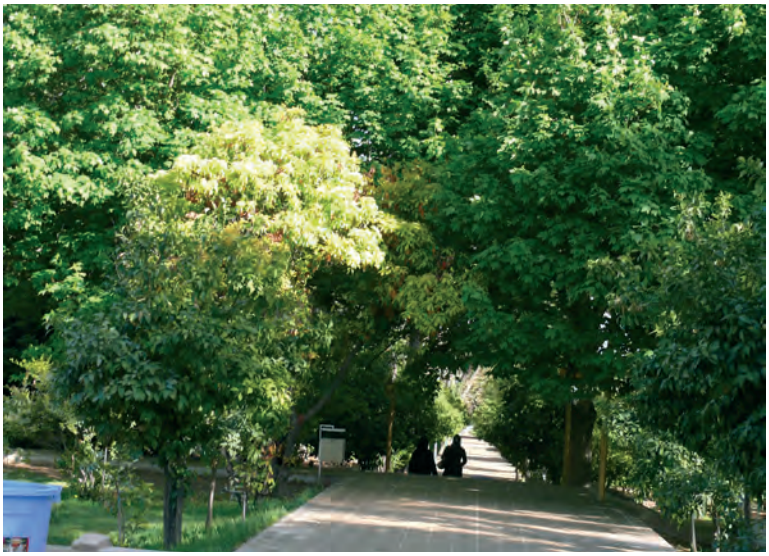
O aumento dos diabetes, que se está a transformar em problema sério de saúde publica, está directamente relacionado com a taxa de urbanização, com a obesidade, sedentarismo, industrialização, dietas hipercalóricas, entre outras causas. A cidade tem que dar resposta a estes aspectos fundamentais da saúde da população.

Promover a saúde publica não será apenas aceder aos cuidados dos centros de saúde e hospitais, mas também proporcionar ás populações conhecimentos para que se apercebam da sua situação como indivíduos; e condições de vida activa e em contacto com ar puro e a Natureza para que possam viver em plenitude física e mental.

Daí que o urbanismo deva possuir características funcionais que dêem resposta adequada, e não ser apenas mais uma ferramenta ao serviço do Poder para controlar a população e obter dividendos.

Todos sabemos que a cidade foi perdendo qualidade desde a explosão demográfica urbana da Revolução Industrial do séc. XIX; mas já nessa altura e nos inícios do séc. XX, diversos autores, perante os péssimos exemplos de concentração urbana, sem condições dignas dum habitat humano, em especial das classes trabalhadoras mais desfavorecidas, defenderam e propuseram diversos modelos de urbanização, nomeadamente na Inglaterra e EUA. Olmsted e os seus parques e cinturas verdes, o movimento da City Beautiful , a Garden City de visionários ingleses, Stein e H.Wright e as suas urbanizações orgânicas agarradas ao relevo em Radburn e Queens, foram exemplos de quem procurou impor uma visão humana e ambiental para o tecido urbano que já ameaçava transformar-se naquilo em que é hoje – especulação do metro quadrado para obter não a optimização do uso do espaço mas a sua maximização.

Esta alameda em Samarkanda (Uzbequistão) e um parque de Shiraz (Irão) são dois bons exemplos de espaços verdes urbanos em climas quentes e áridos, onde a frescura, o ensombramento e a economia de água se conjungam para dotar o tecido urbano da indispensável presença da natureza.



Quando olhamos para a irracionalidade do crescimento urbano nas cidades asiáticas e africanas, caóticas e descontroladas, ou nas cidades americanas, com uma geometria simplificada de vias ortogonais de dimensão infernal, custa-nos a entender o que é viver naquelas condições – que espécie de humanidade sairá deste mundo urbano?

No entanto há exemplos na Europa de planeamento adequado da expansão urbana, na Alemanha e países do norte, por exemplo. Eu tive possibilidade de passar uns meses, já lá vão mais de 30 amos, no atelier do arqº paisagista Prof. Hans Werkmeister, a quem coube realizar o planeamento da região do Ruhr, cujas cidades Duigsburg, Bochum. Essen, Mulheim, etc se estavam a expandir e ameaçavam fundir-se numa gigantesca metrópole. Foi então decidido, a par de uma política anti especulativa dos solos, planear rigorosamente os limites das cidades, preservando entre elas as zonas agrícolas e florestais, que continuariam como áreas de produção.

Este é o caminho que penso o urbanismo do futuro deve trilhar para evitar o colapso das grandes concentrações urbanas – integrar o mundo rural. A expansão urbana, bem planeada e não especulativa, deverá privilegiar novos núcleos para lá das actuais periferias urbanas, servindo-os com infraestruturas e comunicações fáceis com os centros principais, mas mantendo intransigentemente o espaço rural como área de produção.

O contacto do homem urbano com a Natureza e com o mundo rural onde ela mais está presente, com os seus ciclos e forças naturais, é indispensável para a sua saúde física e mental.

Mas o próprio tecido urbano deve proporcionar condições para que a Natureza se cruze com o homem urbano no seu dia-a-dia. A maior parte das pessoas não imagina a variedade de espécies da fauna silvestre que vive na cidade, e que pode ser aumentada se for prevista para as zonas verdes a vegetação mais adequada; uma simples parede velha coberta de trepadeira torna-se ao fim de algum tempo num pequeno ecossistema prenhe de vida.

Já não há lugar na cidade, na situação geral das nossas sociedades, para uma intervenção paisagista como até aqui, de espaços de simples lazer e de exigente manutenção em recursos humanos e água de rega.

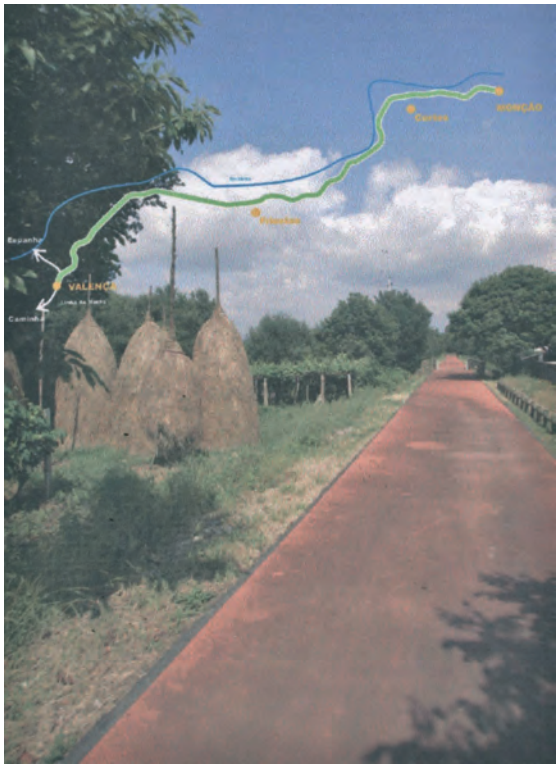
Algumas cidades portuguesas têm inegavelmente investido em amplos parques de lazer, favorecendo em regra os centros mais burgueses e/ou turísticos, mas quando se chega às periferias, onde vivem as classes mais desfavorecidas, essa realidade desaparece. Tudo isto tem que ser repensado, tanto mais que o aumento da taxa de urbanização está aí.

Urge por isso apostar na previsão desse aumento da urbanização, tomando medidas de planeamento que possibilitem ultrapassar as deficiências, para que todas as populações possam desfrutar do mesmo nível de qualidade de vida no que ao ambiente diz respeito.

É indispensável oferecer ao homem urbano possibilidades de actividade física de ar livre, pois práticas como a marcha e a pequena corrida, conforme a condição física de cada um, são a melhor e mais acessível forma de combater problemas sérios de saúde pública; no entanto é pungente ver os cidadãos a correr entre os carros das ruas movimentadas, no meio de ruído e poluição do ar.

Um dos elementos que não pode faltar num urbanismo integrado com o rural, são as vias pedonais e ciclistas, que podem unir a cidade com os bairros periféricos e até com povoações vizinhas. Estas vias podem ser utilizadas inclusivamente para que quem se desloca para o trabalho o possa fazer de bicicleta em condições de segurança e bom ambiente, estando a praticar actividade física e ao mesmo tempo a reduzir a poluição.

A expansão urbana deverá efectuar-se apoiada numa política de solos, séria e responsável, que inviabilize a destruição dos solos agrícolas, criando novos núcleos e integrando as zonas rurais, e prevenindo as difíceis condições ambientais e climáticas que se avizinham.



As ecopistas ou vias verdes são elementos importantes de ligação entre povoações ou zonas de uma área metropolitana. Nestas fotos temos a Ecopista do Minho, entre Valença e Monção, e a do Sabor, em Torre de Moncorvo.

Para países como o nosso, esta atitude é crucial.

Estudos científicos de várias procedências apontam para um futuro de crescente aridez e escassez de água em especial nas latitudes mediterrânicas em que nos encontramos.

A pouca água que ficará disponível terá de ser limitada ao abastecimento público e ao saneamento básico, e depois para a agricultura de onde vêm os alimentos saudáveis que não podem ser substituídos, com a mesma qualidade, em fábricas de alimentos.

Ora essas zonas agrícolas integradas nos núcleos urbanos serão a nova estrutura verde – já não apenas de lazer (pode sempre utilizar-se os caminhos, bosques e alamedas para uso recreativo) mas igualmente de produção, abastecendo directamente de frescos a cidade.

Num futuro não muito distante não haverá disponibilidade de água para regar relvados e jardins públicos, que aliás não existiam nas nossas cidades tradicionais – o que havia eram rossios, alamedas, hortos e largos de feira.

Os parques arborizados e as alamedas que forneçam ensombramento e reduzam a evaporação da água no solo, deverão ser os espaços verdes urbanos nas nossas latitudes, bem como as hortas urbanas que agora parecem reviver e são tão importantes para a cidade. Já é assim nas cidades do Médio Oriente, Ásia Central, Irão, onde a escassez de água desde há muitos séculos ensinou como se pode ter espaços verdes, sombra, frescura, lazer, com uma rigorosa economia da água.

A escala e velocidade da urbanização do território não serão um problema tão complicado se tivermos um urbanismo rural integrado, pese embora o paradoxo que estas palavras possam oferecer.

Já era, de resto, este o conceito grego da *polis*. a cidade que era auto suficiente.

Estará na altura, antes que surjam problemas graves na escalada da urbanização, de começarmos a construir a *paisagem global* de que há tantos anos fala Gonçalo Ribeiro Telles.